

O “GILLE” DE BINCHE

UM EMBLEMA IDENTITÁRIO

Clémence Mathieu (Université Libre de Bruxelles)

Traduzido do francês por Felipe Ferreira

Em finais de 2013 o Musée International du Carnaval et du Masque, situado na cidade de Binche, na Bélgica, realizou uma exposição intitulada Hom(m)e Gille Hom(m)e sobre o mais famoso personagem do carnaval da cidade. Conhecido como Gille, essa figura resume em suas indumentária e atitudes “tradicionais” muitas das tensões, dos sonhos e projetos dos habitantes da cidade. Parte integrante da exposição, as fotos de Olivier Desart tomadas nos lares e espaços privados dos habitantes da pequena cidade belga traçam um instigante paralelo entre a intimidade cotidiana e a festa pública carnavalesca que, em última instância, resume a identidade de Binche. A presença em todas as fotos de ícones remetendo à figura do Gille estabelece uma espécie de conexão entre a “normalidade” do dia a dia e a “loucura” da festa carnavalesca.

CARNAVAL, GILLES, BINCHE, BÉLGICA.

MATHIEU, Clémence. O “Gille” de Binche: um emblema identitário. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 129-180, nov. 2014.

THE “GILLE” OF BINCHE

AN IDENTITY CREST

Clémence Mathieu (Université Libre de Bruxelles)

Translated from the French by Felipe Ferreira

At the end of 2013 the Musée International of Carnaval and Masks, located in Binche, Belgium, held an exhibition entitled Hom(m)e Gille Hom(m)e about the most famous character of the town's carnival. Known as Gille, this figure summarizes in his “traditional” outfit and attitudes, much of the tension, dreams and projects of city residents. Part of the exhibition, the photographs by Olivier Desart taken in homes and private spaces of the inhabitants of the small Belgian city map an intriguing parallel between everyday intimacy and the public carnival party that ultimately summarizes the identity of Binche. The presence in all photos of icons referring to the Gille figure establishes a connection between the “normal” day-to-day and the “madness” of the carnival party .

CARNIVAL; GILLES; BINCHE; BELGIUM

MATHIEU, Clémence. O “Gille” de Binche: um emblema identitário. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 129-180, nov. 2014.

O carnaval de Binche, pequena aglomeração de 30.000 habitantes situada na província de Hainaut, na Bélgica, 55km ao sul de Bruxelas, é tradição que contribuiu para alimentar o sentimento de identidade da cidade fundada no século XII e que acolhia dentro de suas muralhas fortificadas, ainda existentes, a residência de Maria da Hungria, no século XVI, tendo sido um dos centros mais importantes na confecção de rendas e vestimentas *prêt-à-porter* de luxo (GARIN, 1998).

O coração e as ruas de Binche pulsam no mesmo ritmo durante os dias de carnaval, e até muito antes disso, já que as festividades são produzidas ao longo do ano (tanto pelos futuros atores do carnaval quanto por artesãos, famílias e músicos). Os preparativos da festa se estendem pelas seis semanas anteriores à Quaresma pascoal cristã e consistem em eventos dominicais divididos em três etapas: os ensaios de bateria (quando as sociedades carnavalescas ensaiam suas baterias em locais específicos); as *soumonces* (apresentações pré-carnavalescas) de bateria, quando as sociedades se apresentam no coração da cidade ao ritmo de grandes taróis e tambores, sempre a partir das 17h; e *soumonces* musicais, quando uma orquestra de sopro se junta às baterias (REVELARD, 2002, p.40-47).

Depois de meses de trabalho nos bastidores e semanas de preparações e ensaios, o núcleo principal da festa acontece do domingo à terça-feira de carnaval. No domingo, os principais personagens da festa – Gilles, Paysans, Pierrots e Arlequins –, que se apresentarão na terça-feira gorda, desfilam pela cidade ao som de tambores e cornetas, vestindo fantasias preparadas em meio a total sigilo. A segunda-feira é dedicada à população de Binche, que percorre a cidade em grupos ao som de violas e realejos. A terça-feira é a apoteose do carnaval, quando se pode, finalmente, ver o tão aguardado desfile dos Gilles. Acompanhados de grupos de Pierrots, Paysans e Arlequins infantis (compostos pelas crianças da cidade) os Gilles são os grandes heróis do dia.

O GILLE, “SACERDOTE DO RITUAL”: DAS ORIGENS À FESTA CONTEMPORÂNEA

As regras rígidas e codificadas, listadas nos artigos da Associação de Defesa do Folclore (ADF, fundada em 1976), que regem a aparição pública de Gille fazem dele um personagem icônico, quase heroico, envolto em aura bem particular. O Gille, por exemplo, não pode mover-se sem seu tocador de tambor, chamado de *tamboureur*, não pode sentar-se em público, fumar, comer na rua, nem ficar bêbado. Também não pode beijar sua esposa ou levar crianças em seus braços. Todas essas regras ajudam a conferir-lhe atitude hierática, criando uma aura de mistério em torno dele, que lembra a aura dos “sacerdotes” presentes nos rituais ligados às origens das festividades mascaradas europeias (JERG, 2012; GLOTZ,

1975). Além disso, condição indispensável para um homem poder “incorporar” um Gille é ser originário de Binche ou residir na cidade há pelo menos cinco anos. Essa exigência implica literalmente uma relação de sangue entre o Gille e a cidade de Binche. Esse fenômeno identitário é ainda reforçado pelo fato de que o Gille de Binche não pode “fazer o Gille” fora de sua cidade.

A ADF também garante a “marca” do carnaval zelando pela boa utilização de sua imagem. Apesar de a figura do Gille estar presente em outros carnavais, tanto na Bélgica francófona (a Valônia) quanto na França, os habitantes de Binche defendem ciosamente o “seu” Gille, que consideram o único autêntico, todos os outros sendo vagas imitações do original.

Muito mais do que um simples entretenimento anual, o carnaval de Binche é um ritual completo, em que o sagrado ocupa posição privilegiada, fundada em práticas arcaicas. O Gille estende suas raízes às tradições rurais mascaradas, cuja lembrança se encontra na presença de danças ao som do tambor, na utilização de máscaras, chocalhos e *ramons* (ramos de galhos secos, similar à vassoura usada para expulsar o inverno nos ritos pagãos) e na oferta de alimentos (atualmente laranjas lançadas pelos Gilles, em provável substituição a pães ou maçãs) (LOMBARD-JOURDAN, 2005; HUYNEN, 1985). O Gille, desse modo, está no centro de uma festa destinada a comemorar o renascimento da natureza, exorcizar os demônios e chamar a fertilidade da terra. Para fazer isso, ele bate no chão com seus tamancos de madeira e toca seus sinos numa balbúrdia destinada a despertar a natureza (MESNIL, 1974; HUYNEN, 1979).

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX a roupa do Gille se modificou sob a influência do teatro popular – de onde se originaram o nome «Gille», a “corcunda”, o barrete (uma espécie de touca de algodão branco) e o colete (TAVIANI, 1985) – e a partir do aburguesamento da cidade, resultando no acréscimo de materiais nobres, como rendas, plumas de avestruz no chapéu, fitas e laranjas (Figura 1).

No entanto, apesar dessas origens agora confirmadas, uma lenda inventada no século XIX por Adolphe Delmée, cantor e publicitário nascido em Tournai, ainda é muitas vezes divulgada e mantida ciosamente, visto que lisonjeia a famosa identidade de Binche. Essa lenda pretende relacionar a origem dos Gilles a alguns incas provenientes da América que se teriam apresentado durante as festividades organizadas por Maria da Hungria em seu suntuoso palácio de Binche no dia 22 de agosto de 1549 em honra de seu irmão, Charles Quint (GLOTZ, 1995). O Império Inca estava então sob domínio espanhol, e o arranjo de plumas nos chapéus do Gille seria uma lembrança dessa dominação.

A FANTASIA E A MÁSCARA DO GILLE

Usada por algumas horas durante a terça-feira de carnaval, a máscara de Gille, embora impregnada de antigo valor apotropaico, foi fixada em sua forma atual na segunda metade do século XIX, durante o reinado de Napoleão III, na França (GLOTZ, 1977). Feitas de tecido recoberto com cera, ela representa o rosto de um homem burguês, usando óculos redondos verdes, bigode, cavanhaque e costeletas. É usada em conjunto com uma touca de algodão branco (a *barrete*) e um lenço de pescoço cobrindo o cabelo. Encontramos o mesmo tipo de máscara no cantão de Schwyz, na Suíça. Sua produção foi assegurada desde 1927 por uma fábrica alemã. Depois, durante três décadas, 1950-1970, pela fábrica de máscaras César, em Saumur, França, sendo assumida, a partir de então, por um artesão de Binche, Jean-Luc Pourbaix. A Associação de Defesa do Folclore registrou o modelo da máscara em 1985 no Escritório Internacional de Patentes, em Haia, juntamente com os termos “Carnaval de Binche” e “Gille de Binche”, indicando notável consciência sobre identidade e patrimônio.

Quanto à fantasia, ela consiste em blusa e calça de linho decoradas com 150 a 250 motivos de feltro preto, amarelo e vermelho representando leões heráldicos, estrelas e coroas (REVELARD, 2002; BOTTELDOORN, VERHAEGHEN, 2013) e munidas de punhos e perneiras feitos de fitas de náilon plissadas. Uma gola também composta de fitas de náilon plissadas adorna o decote da fantasia. Sobre o *plastron* é fixado um guiso. O Gille tem, na cintura, um *apertintaille*, espécie de cinturão de lã vermelha e preta com sinos que contribuem para ritmar seus passos e sua dança. Toda a roupa é recheada com palha na hora de vesti-la. A indumentária, juntamente com o chapéu de plumas de avestruz, é alugada a cada ano, de um artesão de Binche “locador” perpetuando-se, assim, a tradição de fabricação da fantasia.

A IDENTIDADE DE BINCHE: MAIS FORTE DO QUE O RITO?

É interessante notar que, se a escolha de uma máscara idêntica para todos os Gilles é muitas vezes justificada pelo desejo de eliminar diferenças sociais, pode-se ver, por outro lado, certa contradição pelo fato de ela só ser usada durante o período matinal desde a década de 1920. Para isso existe uma justificativa prática: considerando-se que à tarde o Gille porta um chapéu de penas de avestruz podendo pesar até 4kg, o uso conjunto da máscara e do chapéu seria muito desconfortável. Se, entretanto, lembrarmos que alguns brincantes de carnaval no mundo – como os Mamuthones da Sardenha (MELE, 2012) – chegam a carregar até 33kg de sinos, podemos questionar se, nesse caso, não existiria alguma resistência à perda total de identidade induzida pelo uso da máscara. A retirada

da máscara na tarde da terça-feira gorda poderia responder, desse modo, a um desejo dos Gilles de afirmar seu *status* dentro da cidade de Binche, que se constituiu-se, ela própria, num verdadeiro microcosmo de afirmação identitária (BOTTELDOORN, 2014).

A força da identidade de Binche também é notada nas ideias de que só essa cidade “possui” um carnaval de Gilles autêntico e de que qualquer outro Gille (na verdade encontramos o personagem Gille em outros carnavais na Valônia) é imitação do verdadeiro Gille de Binche.

O fenômeno identitário se manifesta não somente através de relevante investimento humano – os artesãos que fazem o figurino, os músicos, a família e, sobretudo, a mulher do Gille, figura essencial para a organização e bom funcionamento do carnaval (DELIEGE, 1998) –, mas também a partir de considerável investimento financeiro, visto que a participação no carnaval para o Gille e sua família representa custo entre 1.500 e 2.500 euros (contribuições para a sociedade, confecção do traje e despesas diversas com champanha, ostras e laranjas). Uma vaquinha organizada pelas sociedades carnavalescas permite que a cidade financie o carnaval de forma espontânea e coletiva, reafirmando mais uma vez os laços de identidade de toda a comunidade em torno da festa.

CONCLUSÃO

Quando vemos o grau de investimento social, familiar, humano, financeiro, em horas de trabalho e de preparativos representado pelo carnaval, passamos a compreender melhor a importância identitária assumida pelo evento. Por sua participação material e imaterial, todos colaboram para a perpetuação de um rito e para a preservação da unidade e identidade da comunidade.

A força do fenômeno de identidade em torno o carnaval de Binche incentivou campanhas de publicidade e produção de cartazes desde meados do século XIX (BOTTELDOORN, VERHAEGHEN, 2013). Foi na extensão desse movimento que o orgulho dos habitantes da cidade se mostrou capaz de expressar-se através do reconhecimento do Carnaval de Binche pela Unesco como Obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, em 7 de novembro de 2003. Esse evento constituiu uma consagração para toda a cidade, que perpetua a tradição e, orgulhosamente, se organiza e se estrutura em função de uma identidade local complexa (DELIEGE, 2012).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTELDOORN, E. Le Gille de Binche, Belgique. In: MALLE, M.-P. (Org.). *Le monde à l'envers: carnivals et mascarades d'Europe et de Méditerranée*, Paris: Flammarion, 2014.

- BOTTELDOORN, E.; VERHAEGHEN, E. *Le Gille sens dessus dessous*. Binche: M.I.C.M., 2013.
- DELIEGE, C. *Femme de gille dans le carnaval de Binche*. Approche anthropologique. Mémoire de licence, Université de Liège, faculté de Philosophie et Lettres, 1998.
- _____. Le carnaval de Binche, un patrimoine immatériel exceptionnel. In: _____. (Org.). *Masques d'Europe: patrimoines vivants*. Bruxelles: La Renaissance du Livre, p. 49-57, 2012.
- GARIN, A. *Binche et le carnaval: Binche, cité impériale, son histoire, son folklore, ses richesses et ses traditions*. s.l., 1998.
- GLOTZ, S. *Le masque dans la tradition européenne*, Binche: Musée International du Carnaval et du Masque, 1975. _____. Le masque du Gille de Binche. *Hainaut Tourisme*, n. 181, p. 43-47, avril 1977.
- _____. De Marie de Hongrie aux Gilles de Binche: une double réalité, historique et mythique. Binche, *Revue de la Société d'Archéologie et des Amis du Musée de Binche*, n. 13, p. 49-88. 1995.
- HUYNEN, J. *La mascarade sacrée: Binche témoin*. Bruxelles: Louis Musin, 1979.
- _____. Carnaval de Binche: les morts et les vivants à l'équinoxe de printemps. In: ASLAN, O.; BABLET, D. (Org.). *Le masque: du rite au théâtre*. Paris: Ed. du CNRS, p. 119-134. 1985.
- JERG, G. Camill. La construction des traditions masquées. In: DELIEGE, C. (Org.). *Masques d'Europe: patrimoines vivants*. Bruxelles: La Renaissance du Livre, p.17-20, 2012.
- LOMBARD-JOURDAN, A. *Aux origines de carnaval: un dieu gaulois ancêtre des rois de France*. Paris: Odile Jacob, 2005.
- MELE, R. Les traditions masquées en Sardaigne: les carnivals de Mamoiada, Ottana et Orotelli. In: DELIEGE, C. (Org.). *Masques d'Europe: patrimoines vivants*. Bruxelles: La Renaissance du Livre, p. 71-77, 2012.
- MESNIL, M. *Trois essais sur la fête: du folklore à l'ethno-sémiotique*. Bruxelles: Ed. de l'Université de Bruxelles, 1974.
- REVELARD, M. *Le carnaval de Binche: une ville, des hommes, des traditions*. Tournai: La Renaissance du livre, 2002.
- TAVIANI, F. Position du masque dans la commedia dell'arte. In: ASLAN, O.; BABLET, D. (Org.). *Le masque: du rite au théâtre*. Paris: Ed. du CNRS, p. 119-134, 1985.

Clémence Mathieu é colaboradora científica e responsável pelas coleções do Musée International du Carnaval et du Masque, Binche (Bélgica) e doutora em história da arte e arqueologia pela Université Libre de Bruxelles.

Recebido em: 29/09/2014

Aceito em: 15/10/2014

























Canvez, Elise
1928 - 2008

Debrulle, Jean-Yves
1929 - 2008

Il faut
avoir le pain
Le bled dans le
canneton pour ne
pas mourir de faim.

Je prie
pour le pain
de tous.

Le vide que
on se laisse
est rempli
de souvenirs
qui restent
présent.























